



Editorial – Edição 30 – Abril de 2019

Mentes inovadoras têm tido papel muito importante no âmbito da área de energia e, especificamente, no setor elétrico, onde determinados paradigmas sobrevivem mesmo após longo tempo de sua criação e após terem-se exaurido as motivações a eles subjacentes. Nesse contexto, exercer a criatividade e inovar se tornam verdadeiros desafios. A tendência de se paralisar o pensamento, submetendo-o a uma situação em que não se questionam premissas, acaba por criar uma espécie de muro, difícil de transpor, que separa o pensamento corrente do mundo das ideias e, conseqüentemente, de soluções inovadoras para o setor.

Não fosse a ousadia de tais mentes, é bem possível que o setor estivesse, de forma ainda mais categórica, perdido em seus próprios meandros. Diversas iniciativas que buscam verdadeiro diferencial, intrépidas por natureza, sorratamente começam a tomar forma, gerar resultados promissores, mesmo tendo sido outrora consideradas absurdo pela maioria dos agentes e dirigentes, entorpecidos que estão diante de premissas que já não se justificam. Parece ser esse fenômeno intrínseco à natureza humana. Cabe a nós, porém, exercitarmos, pelo menos em certa medida, a ação da autodestruição. Ao nos autodestruirmos, acabamos com as premissas que não fazem mais sentido, abrindo a porta para a criação de algo novo, com potencial de trazer grandes benefícios.

Mas o que leva os agentes do setor a permanecer de modo tão profundo e por tanto tempo se conformando com o contexto em que funcionam, por mais que lhes pareça equivocado? Talvez o problema seja o “mindset” empresarial, ou seja, o arcabouço de pensamentos e posturas, o qual determina a linha de ação dos agentes do setor. As pequenas empresas que surgem em um mercado cada vez mais dinâmico, especialmente aquelas que hoje se dedicam às fontes energéticas alternativas, já nascem com um mindset voltado à inovação, pois sua existência gira em torno do diferencial. A letargia tende a ocorrer em maior proporção, e com maior facilidade, nas grandes empresas, que permanecem com o pensamento moldado pelo contexto do passado, deixando de enxergar mais longe simplesmente por não se autodestruir – de vez em quando – nem questionar a necessidade de um novo mindset.

Como se dá a perpetuação da cultura avessa à inovação? O primeiro fator é a própria falta de reconhecimento, por parte da empresa, de que carece de uma nova postura. Isso pode ser evidenciado, por exemplo, quando se atribuem papéis de liderança de empreendimentos que buscam inovação às mesmas pessoas que estão à frente de atividades rotineiras e bem estabelecidas, o que constitui um erro estratégico primário. Quando se pensa em liderança, nas empresas bem consolidadas, pensa-se, na verdade, em pessoas alinhadas à cultura empresarial, ou seja, que têm exatamente o mesmo mindset. Essas são as pessoas que as empresas julgam preparadas para conduzir seus negócios, pois elas podem garantir a sobrevivência da empresa, percorrendo o caminho que vem sendo trilhado desde o início.

O tema “inovação” adquire então, no contexto da empresa, uma natureza difícil de descrever, como se fosse algo subjetivo, uma ideia sem forma, um conceito sobre o qual nada se sabe, um assunto sobre o qual muito se fala e que se espera que floresça da mesma maneira como uma semente pode brotar quando cai em solo desértico. Sim, uma semente pode brotar nesse tipo de solo, mas isso exige muita luta e determinação. Requer que se vençam obstáculos quase intransponíveis, contando não apenas com competência e dedicação, mas também com “bons ventos”, oportunidades proporcionadas por circunstâncias sobre as quais não se tem controle. Quando isso acontece, pode-se ver um empreendimento inovador tomando forma, pronto para colher frutos, e então ocorre um fenômeno interessante: o bom resultado, fruto da determinação solitária de pessoas inovadoras, é magicamente assimilado pela empresa, que assume a autoria do produto como se ela tivesse proporcionado seu desenvolvimento e como se tivesse sido a grande fomentadora do pensamento inovador. Parece-lhe que o que faz está surtindo efeito, e que ela está no caminho certo para se tornar uma empresa inovadora. Dessa maneira, o sucesso daquela semente que brotou no deserto vira um mecanismo de perpetuação das políticas que preservam o próprio deserto.

A sociedade brasileira precisa mudar o mindset, e isso é verdade também no contexto específico do setor elétrico. Temos que parar de olhar apenas para a mesma direção, e perceber quais são as nossas próprias travas. Temos que quebrar a tendência de buscar aquilo que sempre parece mais cômodo, preservando assim modelos equivocados. Enfim, temos que buscar nossa própria destruição. Isso parece um tanto exagerado, mas



o que a inovação faz é justamente isso: ela destrói o velho. Ela abre o caminho para um cenário que não trata apenas da sobrevivência da empresa, mas principalmente de sua excelência, de sua reputação, de sua capacidade para alcançar diferenciais competitivos que lhe garantam uma posição especial no mercado e na sociedade.

Não é uma tarefa fácil, do contrário a sociedade brasileira já estaria colhendo os frutos da inovação de forma sustentada. Não basta querer fazer inovação. Tampouco basta “implantar processos” de inovação. Não basta ainda lançar programas de incentivo. Nem mesmo criar áreas que gerenciam a inovação, especialmente quando ela ainda nem existe. Deve-se, sim, mudar o mindset, começar a agir de forma diferente, dar oportunidade a pensamentos divergentes, enfim, arar o solo para que as sementes floresçam sem precisar depender fortemente de circunstâncias favoráveis.

Os quatro artigos publicados nesta edição evidenciam a abrangência do periódico em termos de áreas do conhecimento. O primeiro descreve uma ferramenta de “geovisualização” cujo objetivo é permitir a análise multicamada dos dados relacionados à implantação de pequenas usinas hidrelétricas, tornando assim o processo de tomada de decisão mais racional, o que o trabalho demonstra mediante estudo de caso em uma região do estado de Minas Gerais. O segundo artigo faz uma análise dos impactos da participação de fontes de energia, designadas como “intermitentes”, em especial, a fonte solar, sobre a geração e operação de pequenas centrais hidrelétricas, quando os dois tipos de fonte são usados concomitantemente. O terceiro artigo faz uma análise de uma norma brasileira no que tange a valores de coeficientes convectivos em projetos térmicos de edificações, levando em conta a diversidade climática do país, e defende análises mais detalhadas de tais valores com base em diferentes métodos e em diferentes condições climáticas. O último artigo desta edição aborda o Índice de Sustentabilidade Empresarial da bolsa de valores B3, usado para medir o desempenho empresarial em sustentabilidade, e sua importância para as empresas do setor elétrico que almejam atrair a confiança de investidores, empregados, sociedade e governo.

A divulgação de trabalhos científicos e inovações no setor elétrico é o foco da Espaço Energia – Brazilian Open Journal of Energy. Para isso contamos com a competência e dedicação de pesquisadores de renome espalhados pelo mundo. Sem eles, jamais poderíamos obter a qualidade que este periódico merece. Agradecemos a todos os participantes e aos autores dos artigos desta edição. Boa leitura!

Klaus de Geus
Editor-chefe